



# O Clube do Cupim e a participação da população negra nas eleições de 1887

ARTHUR DANILLO CASTELO BRANCO DE SOUZA

SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTE DE PERNAMBUCO 

---

**CLIO: REVISTA DE PESQUISA HISTÓRICA**

Clio (Recife, Online), v. 42, ano 2024

<https://doi.org/10.51359/2525-5649.2024.264455>

e-ISSN: 2525-5649

---





*O Clube do Cupim e a participação da população negra nas eleições de 1887*

**RESUMO:** As eleições de 1887, em Pernambuco - para deputado geral - foram marcadas por uma forte disputa entre Machado Portella, candidato do partido conservador e Joaquim Nabuco, liderança abolicionista e candidato do partido liberal. Todavia, não foram os nomes de Nabuco e Portella que reverberaram nas ruas naquelas eleições, mas sim a dualidade e a oposição que ambos representavam: escravismo x abolicionismo, políticas raciais e imigrantistas x valorização do trabalhador nacional. Nesse contexto de disputas acirradas e de grande ebulição do movimento abolicionista, nas ruas e nos jornais, a participação da população negra em Pernambuco foi decisiva para a vitória de Nabuco, nas eleições de 1887. A luta da população negra nas eleições de 1887, frente a uma disputa eleitoral de peso, merece mais atenção por parte da historiografia brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** abolicionismo; clube do cupim; escravidão; cidadania política.

---

*The Cupim Club and the participation of the black population in the 1887 elections*

**ABSTRACT:** The 1887 elections in Pernambuco - for deputy general - were marked by a strong dispute between Machado Portella, the conservative party candidate, and Joaquim Nabuco, an abolitionist, the liberal party candidate. However, it wasn't the names of Nabuco and Portella that reverberated in the streets in those elections, but rather the duality and opposition they both represented: slavery vs. abolitionism, racial and immigrant policies vs. valuing the national worker. In this context of fierce disputes and the great ebullience of the abolitionist movement on the streets and in the newspapers, the participation of the black population in Pernambuco was decisive for Nabuco's victory in the 1887 elections. The struggle of the black population in the 1887 elections, in the face of a major electoral dispute, deserves more attention from Brazilian historiography.

**KEYWORDS:** abolitionism; cupim club; slavery; political citizenship.

---

# O Clube do Cupim e a participação da população negra nas eleições de 1887

ARTHUR DANILLO CASTELO BRANCO DE SOUZA

---

Durante os anos finais da escravidão no Brasil, mais especificamente entre os anos de 1870-1880, a maior parte dos políticos que administravam os rumos da questão sobre o “elemento servil” – em especial sobre o fim da escravidão – eram compostos por conservadores e liberais escravocratas. Como uma categoria política que tinha interesses econômicos, políticos e sociais diretos na questão, a elite política brasileira fez tudo que pôde para protelar ao máximo o avanço do abolicionismo e o fim da escravidão no Brasil, algo que contribuiu diretamente com o fato do Brasil ter sido o último do Ocidente a pôr um fim na instituição da escravidão.<sup>1</sup>

A elite política e senhorial de Pernambuco não foi indiferente à questão, pois estava aferrada à sua propriedade escrava e vinculada à ilegalidade que aquela representava e no que diz respeito à questão da abolição da escravidão preferiam ficar presos ao que já dispunha a legislação nacional sobre o assunto: nada de passar dos rumos que a Lei do Ventre Livre (1871) havia dado, a abolição deveria vir de forma lenta, gradual e indenizada.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Maria Helena Machado, *O plano e o pânico. Os movimentos sociais na década da abolição*, São Paulo: Rio de Janeiro: Edusp/Editora da UFRJ, 1994; Walter Fraga, *Encruzilhadas da liberdade*, Campinas: Editora da Unicamp, 2006. Celso Castilho e Maria Helena P. T. Machado (orgs.), *Tornando-se livre. Agentes históricos e lutas sociais no processo de abolição*, São Paulo: Edusp, 2015, pp. 335-368. Angela Alonso, *Flores, votos e balas. O movimento abolicionista brasileiro*, São Paulo: Companhia das Letras, 2015; Celso Castilho, *Slave Emancipation and Transformations in Brazilian Political Citizenship*, Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2016.

<sup>2</sup> Em janeiro de 1883, alguns agricultores pernambucanos, membros da Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco (SAAP), já haviam fundado o Clube da Lavoura de Escada e foram acompanhados por lideranças de diversos municípios na defesa do gradualismo e do cumprimento da lei do ventre livre, tentando impedir o avanço do que eles chamavam de abolicionismo “radical”. Celso Castilho, “O ‘25 de março’ e a radicalização dos embates abolicionistas no Recife”, *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, São Paulo: ANPUH, 2011, pp. 1-22; Maria Emília Vasconcelos dos Santos, “Antes do 13 de maio: o 25 de março no Ceará e o Movimento Abolicionista em Pernambuco”, *Afro-Ásia*, n. 53 (2016), pp. 149-183, <https://doi.org/10.9771/aa.v0i53.22475>.

No ano de 1887, quando o movimento abolicionista já estava bastante avançado no Brasil e nas províncias do Império, membros e líderes do partido liberal de Pernambuco, em sua maior parte proprietários de terras e escravos, assumiram a redação de uma das principais folhas pernambucanas, o *Jornal do Recife*, onde abolicionistas haviam debatido e criticado a questão do fim da escravidão, ao longo das décadas de 1870-1880. As lideranças liberais da província compraram o *Jornal do Recife* com a intenção principal de fomentar na opinião pública a ideia de repúdio ao “abolicionismo intransigente” de Pernambuco e convencer os leitores de que estavam sendo prejudicados pelas ações ilegais dos abolicionistas que se juntavam aos escravizados para os auxiliarem em suas fugas. Em resumo, os liberais escravocratas tentavam defender seu direito de propriedade apelando para a opinião pública e buscando taxar os abolicionistas de “radicais”, “ladrões de escravos” e de “defensores de criminosos”.<sup>3</sup>

Em março de 1887, quando o *Jornal do Recife* foi posto à venda, o abolicionista Joaquim Nabuco chegou a tratar com Antônio Carlos Ferreira da Silva – líder abolicionista e representante do comércio local - sobre a compra do jornal para transformá-lo num órgão do *Partido Abolicionista*. Todavia, antes do negócio ir para frente, Nabuco precisou viajar à Europa, para cobrir a viagem “médica” de D. Pedro II. Com isso, o periódico foi adquirido pelos representantes liberais mais ligados aos interesses dos proprietários de escravos, sendo muitos deles senhores de engenhos e empedernidos escravocratas.<sup>4</sup>

Segundo Celso Castilho, após essa compra, a redação do *Jornal do Recife* passou a abordar os assuntos referentes ao abolicionismo com menor intensidade. As notícias sobre o movimento, que foram circuladas na folha e divulgadas quase que cotidianamente, até 1886, tornaram-se rarefeitas em 1887. Já não apareceriam mais os anúncios das reuniões das associações

---

<sup>3</sup> Segundo Maria Helena Machado, os abolicionistas sofreriam com acusações desse tipo por terem popularizado a propaganda. Ao buscarem atrair a opinião pública para a causa, discutindo e lutando pela abolição nos teatros, nas gazetas, nas praças públicas, os abolicionistas interferiam nos interesses da elite política e econômica imperial que controlavam as decisões oficiais, extrapolando as ações e decisões para fora do Parlamento, algo visto como muito perigoso por parte dos que se acreditavam donos do poder legítimo. Maria Helena Machado, *O Plano e o Pânico*, p. 164.

<sup>4</sup> Antônio Carlos chegou a arranjar o dinheiro para comprar o *Jornal*, mas, ao que parece, os “liberais leões” ou chegaram primeiro ou então foram preferidos no processo da compra devido a intervenção do Senador Luiz Felipe de Souza Leão. O nome “leoninos” derivava justamente da influência desse para com o grupo de liberais mais ligados aos interesses escravistas. Nabuco pedia a Numa Pompílio, desde 1886, que ajudasse Antônio Carlos na fundação de um *Jornal pernambucano* de caráter abolicionista e federalista. *Carta de Joaquim Nabuco a Numa Pompílio, Rio de Janeiro. 07 de fevereiro de 1886*, in Leonardo Dantas Silva (org.), *A abolição em Pernambuco*, Recife: Massangana, 1988. p. 71.

abolicionistas, notícias das conferências abolicionistas, denúncias contra escravização ilegais de pessoas, contra castigos físicos exacerbados etc. Após a compra do *Jornal*, os escravocratas perseguiram e censuraram como puderam a opinião pública abolicionista.<sup>5</sup>

A venda do *Jornal do Recife* foi um acontecimento digno de nota à época, tendo sido muito criticada pela imprensa republicana e abolicionista.<sup>6</sup> A folha, que os republicanos consideravam mais “neutra” que o *Diário de Pernambuco*, foi arrematada por 40 contos de réis pelos liberais alcunhados “leões”.<sup>7</sup> Segundo os republicanos, a partir de então, o periódico representaria a divisão do partido liberal em dois grupos, “liberais abolicionistas federalistas e em liberais leões escravocratas”.<sup>8</sup> Os que queriam a abolição e a autonomia provincial e os que queriam a contenção do movimento abolicionista e a perpetuação da escravidão por quanto tempo fosse possível.

Os primeiros, “liberais abolicionistas”, apesar de monarquistas, passaram a ser anunciados pelos republicanos como “soldados da democracia, que defendem os direitos da humanidade e o bem-estar da pátria” e os segundos, “os liberais leoninos ou escravocratas”, como “liberais sem princípios, atrasados, que sustentam os interesses de uma família, cujo mérito que tem é ter dinheiro”. Os redatores republicanos previam que, a partir daquele momento, a luta política seria “gigante”. E assim foi. Se o grupo de liberais “leoninos”<sup>9</sup> tinha a seu favor o dinheiro, diziam eles, “nós os abolicionistas temos elementos muito mais poderosos: temos a justiça e santidade de nossa causa; temos o auxílio da civilização; temos finalmente o patriotismo dentro d’alma”.<sup>10</sup>

De fato, cerca de 60 a 70% dos membros do partido liberal de Pernambuco

---

<sup>5</sup> Celso Castilho, *Slave Emancipation and Transformations in Brazilian Political Citizenship*.

<sup>6</sup> *Lanterna Mágica*, Recife, 30 de março de 1887, n. 184.

<sup>7</sup> O grupo dos liberais dissidentes, liderado por José Mariano, era conhecido como “cachorros”, enquanto o grupo liberal que representava os interesses dos escravocratas era chamado de “leões”. Segundo Marc Jay Hoffnagel, assim que Luiz Felipe de Souza Leão, chefe do Partido Liberal de Pernambuco, adquiriu o *Jornal do Recife*, as notícias e os artigos passaram a refletir a ideia de que os liberais só aceitariam o emancipacionismo gradual e legal e que o Partido não sucumbiria às exigências do povo. Marc Jay Hoffnagel, “O Partido Liberal de Pernambuco e a questão abolicionista, 1880-1888”, *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, n. 23 (2005), pp. 7-24.

<sup>8</sup> Os republicanos fizeram críticas a José Maria que, apesar de ser amigo pessoal de José Mariano e favorável ao abolicionismo, continuou a trabalhar no *Jornal do Recife* após a sua venda para os Liberais leoninos, acusando de já ter sido republicano, cachorro e de ser agora um leão. Apesar de professar apoio a Nabuco, mesmo sem ser eleitor do 1º distrito, José Maria, que era conhecido pela sua ousadia na política declarou que esta não seria uma disputa pela qual ele daria a sua vida ou colocaria ela em risco. *Lanterna Mágica*, 30 de março de 1887, n. 184; *Jornal do Recife*, Recife, 31 de agosto de 1887, n. 197, p. 2.

<sup>9</sup> Para a definição de leoninos ver a nota 7.

<sup>10</sup> *Lanterna Mágica*, 30 de março de 1887, n. 184; *Jornal do Recife*, Recife, 31 de agosto de 1887, n. 197, p. 2.

eram proprietários de terras, em sua maior parte oriundos de zonas açucareiras e, segundo Marc Jay Hoffnagel, “não eram indiferentes, muito menos favoráveis, a medidas que visassem a extinção legal da escravidão”.<sup>11</sup> Os republicanos, no ano de 1887, vendo que não conseguiriam lutar contra essa força política sem perder, preferiram se juntar ao grupo de “liberais dissidentes”, até maio de 1888, para fortalecer a causa abolicionista e proclamavam, “os abolicionistas sinceros caem na luta, porém não rendem-se ao dinheiro leonino.”<sup>12</sup>

Importante salientar que ambos os grupos, republicanos e liberais dissidentes, também tinham seus interesses próprios, cedendo uma trégua naquele momento em favor da questão abolicionista como apontou Flávia Braga que estudou o grupo republicano positivista mais a fundo.<sup>13</sup> Nesse caso, a amalgama dos republicanos com os monarquistas liberais dissidentes sucumbiu após o 13 de maio, reascendendo, nos dias seguintes, as disputas pelo “espólio da abolição” e pelo poder político local.

Após a compra do *Jornal do Recife* pelos liberais escravocratas a tensão política entre abolicionistas e escravocratas, em Pernambuco, acirrou-se ainda mais quando Manoel do Nascimento Machado Portella, então deputado geral por Pernambuco, foi chamado por Cotegipe para assumir a pasta do Império, em 21 de julho de 1887. Todavia, o cargo só seria confirmado se Portella fosse reeleito para a Câmara dos Deputados. Prescindindo de autorização pública, a

---

<sup>11</sup> Marc Jay Hoffnagel, “O Partido Liberal de Pernambuco e a questão abolicionista, 1880-1088”, p. 18.

<sup>12</sup> *Lanterna Mágica*, 30 de março de 1887, n. 184. No *Anti-Rebate*, Ricardo Guimarães fez uma homenagem a Joaquim Nabuco e José Mariano na *Coluna dos Versos* com dois poemas, um intitulado “Ave!” e outro intitulado “José Mariano”. Neste, Guimarães defendeu a popularidade de José Mariano, a sua luta junto com Nabuco e citou também as práticas de corrupção eleitoral dos conservadores e liberais. São dele as palavras: “Elle, o bravo leão, da capital do Norte, o eterno defensor da causa popular, a ponto de afrontar por ela a própria morte, nas lutas sociais, em que tenha de entrar; é da pátria natal, o defensor mais forte, o mais trabalhador, o mais belo exemplar, do patriotismo são, que faz essa corte, que o cerca de poder, que o vive acompanhar. Por isso, com certeza, a bem de Pernambuco, o seu torrão natal, unido com Nabuco, hão de o pleito vencer por grande maioria. Embora em proteção ao ministro do império, empregue-se o terror, o ouro – o vitupério, com que tentam comprar a vossa simpatia.” Além de jornalista republicano, Ricardo Guimarães era representante da comunidade de comerciantes portugueses em Pernambuco. Como dissemos, estes homens de posições políticas opostas, republicanos e monarquistas, permaneceram unidos pelo menos até maio de 1888. Após a abolição, os grupos monarquistas e republicanos se dividiram e disputaram o poder político com muita violência. Em setembro de 1889, Ricardo Guimarães foi assassinado por João de Paula Nery, guarda fiscal do Poço da Panela, reduto de José Mariano. Após esfaquear o português, Nery foi se abrigar na redação de *A Província* para evitar ser linchado, o que fez com que os republicanos associassem o assassinato a José Mariano e seus “brabos”. Flávia Bruna Ribeiro da Silva Braga. “Ditadura”, Abolição e República: A propaganda da geração positivista em Pernambuco (1875-1889”. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017, pp. 114, 136 e 189, <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25306>.

<sup>13</sup> Braga. “Ditadura, Abolição e República”.

eleição foi marcada para o dia 14 de setembro de 1887.<sup>14</sup>

O cargo de deputado pelo 1º Distrito foi disputado entre Portella e Nabuco e esse evento eleitoral foi mais um daqueles que, pelo menos desde 1884 - quando os dois também se enfrentaram - vinha sendo marcado pela disputa entre o bloco abolicionista (republicanos e liberais dissidentes) e escravocratas (liberais e conservadores) na imprensa, nas associações, nas ruas e nas urnas. Com uma diferença adicional, a participação da população alijada dos canais de representação política: livres, libertos e escravos, não só foi muito ativa, como em 1884, como foi amplamente divulgada nas folhas, incentivada pelo grupo abolicionista que atraía para si o título de “guia do povo” e denunciada pelos escravocratas que se colocavam contra os “turbulentos” que queriam “desorganizar a lavoura e o país”<sup>15</sup>.

Segundo o líder dos liberais dissidentes em Pernambuco, José Mariano, os chefes do partido liberal organizaram um complô contra a candidatura de Joaquim Nabuco. Para ele, os membros do seu próprio partido nas pessoas de Ulysses Viana, Sigismundo Gonçalves, do Barão de Arariba e do próprio chefe do grupo, Luiz Felipe de Souza Leão - todos com representação livre no *Jornal do Recife* - impediam a vitória de Nabuco a partir da censura imposta ao candidato e à campanha abolicionista. Apesar de poder disputar o cargo, a *Coluna Liberal* e o apoio dos chefes do partido não estavam disponíveis para o candidato abolicionista. Os liberais leoninos não permitiram que os dissidentes falassem por eles, e não se sentiam representados por Joaquim Nabuco exatamente no tocante a questão abolicionista, segundo eles mesmos expunham na folha liberal.<sup>16</sup>

Numa Pompílio, representante do *Clube do Cupim*<sup>17</sup>, escreveu a Joaquim Nabuco para relatar sobre o estado das coisas em Pernambuco, em julho de 1887, falando que o *Clube do Cupim*, liderado pelo Antônio Carlos, enfrentava os opositores políticos de Nabuco e Mariano. Segundo Pompílio, a presença de Joaquim Nabuco na província seria indispensável para o agigantamento das ações de libertações. Ainda segundo ele, as ações dos cupins “convenceram” os

---

<sup>14</sup> *Jornal do Recife*, 9 de agosto de 1887, n. 179, p. 1; *Diário de Pernambuco*, Recife, 9 de agosto de 1887, n. 180, p. 1.

<sup>15</sup> Sobre as disputas eleitorais com a participação do “povo” pernambucano que envolveram os abolicionistas e os escravocratas, em 1884 ver Felipe de Azevedo e Souza, “Tiros, facadas e a decisiva participação política dos ‘turbulentos’”, in *Nas ruas: abolicionismo, republicanismo e movimento operário no Recife*, Salvador: EDUFBA, 2021, pp. 35-46.

<sup>16</sup> *Jornal do Recife*, 30 de agosto de 1887, n. 196, p. 2.

<sup>17</sup> Associação abolicionista clandestina, criada oficialmente em outubro de 1884, que auxiliava os escravizados coordenando suas fugas para as outras províncias do Império e até mesmo para fora do país. Para saber mais sobre o Clube do Cupim ver Arthur Danilo Castelo Branco de Souza, “Corroendo a árvore da escravidão: o Clube do Cupim e o movimento abolicionista em Pernambuco 1880-1900”, Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023, <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/52373>.

senhores “mais emperrados” de que seria melhor libertarem os cativos, com cláusulas de prestação de serviços por dois anos, do que perderem de vez sua mão de obra. Avisou a Nabuco que seus opositores espalhavam boatos em Pernambuco de que seus interesses estavam na Europa e não no Brasil, para sujar seu nome com o povo brasileiro, e que estavam fazendo o possível para convencer a sociedade pernambucana de que a volta de Nabuco era iminente para representar o abolicionismo na província.<sup>18</sup>

O chefe liberal, o senador Luiz Felipe de Sousa Leão, concordou que Nabuco saísse representando o partido contra Portella desde que ele não falasse em abolição, para que não houvesse hostilidade à sua candidatura pelos liberais. Algo que não foi atendido. Opositor dos interesses abolicionistas em Pernambuco, o Barão de Arariba, João Luís Gonçalves Ferreira, deixou sua opinião, sobre a candidatura de Nabuco, bem expressa no *Jornal do Recife*. Apesar de reconhecer no candidato um dos abolicionistas que “não procuram tirar vantagens pessoais”, o Barão não o apoiava por ter tido problemas pessoais com os abolicionistas intransigentes com os quais, segundo ele, Nabuco se uniu. Segundo Arariba, os abolicionistas ameaçaram requerer a liberdade de 48 escravos de sua propriedade, que estavam matriculados com filiação desconhecida, “adquiridos todos por meios muito lícitos, e que é meu direito manter enquanto os poderes competentes de meu paiz não resolverem a sua libertação.”<sup>19</sup>

O problema era pessoal e público ao mesmo tempo. Um importante representante do partido liberal em Pernambuco, um homem bem estabelecido social e politicamente<sup>20</sup> estava sendo acusado pelos abolicionistas de manter pessoas ilegalmente escravizadas e de tentar continuar com sua propriedade ilegal. Estes mesmos abolicionistas ameaçavam “arrancar sua propriedade na justiça”. Devido ao seu escravismo empedernido, ao invés de pedir votos para o candidato do seu partido, Arariba se utilizou de suas redes para pedir votos para o Conselheiro Portella, o que, em sua visão, poderia fazer em seu nome e não do partido, visto que Portella era conservador. Segundo ele

---

<sup>18</sup> Arquivo da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), Recife, *Correspondências de Joaquim Nabuco*, Doc. 6778. Carta de Numa Pompílio a Joaquim Nabuco. Recife. 13 de julho de 1887.

<sup>19</sup> *Jornal do Recife*. 31 de agosto de 1887, n. 197, p. 2.

<sup>20</sup> João Luís Gonçalves Ferreira recebeu o título de barão de Arariba em 05 de maio de 1883. Senhor dos engenhos Arandu de Baixo e Bom Tom era também Coronel comandante superior da Guarda Nacional, no Cabo de Santo Agostinho. Filho de Antônio Luiz Gonçalves Ferreira (n. em Braga, Portugal; comendador; senhor do engenho Bom Tom, na freguesia do Cabo) e de Anna Joaquina Rodovalho (n. 1798 na freguesia de São Frei Pedro Gonçalves, no Recife, f. 17-09-1859 também no Recife, com o hábito da Irmandade do Carmo). Solteiro, deixou dois filhos legitimados, provavelmente com a senhora Maria dos Prazeres. Verbete *João Luís Gonçalves Ferreira – Barão de Arariba*, <https://www.parentesco.com.br/index.php?apg=arvore&idp=11937#>.

a Coluna Liberal envolve a nossa responsabilidade, e nós não queríamos tê-la pela candidatura do Sr. Dr. Nabuco, que representa antes de tudo o abolicionismo, com o qual, como é feito em Pernambuco, não nos podemos conformar”.<sup>21</sup>

Ao serem enxotados de representarem sua opinião na principal folha do partido, os liberais dissidentes tinham somente *A Província* – uma folha da qual José Mariano foi redator chefe<sup>22</sup> - para poderem divulgar as suas intenções e as folhas republicanas para apoiá-los. Como não encontramos exemplares disponíveis para consulta d’*A Província* para os anos de 1879-1889<sup>23</sup>, tivemos que recorrer as respostas dadas pelo *Jornal do Recife* e pelo *Diário de Pernambuco* à primeira folha e aos jornais republicanos.<sup>24</sup> Das folhas de representação republicana, a principal analisada por nós foi a *Lanterna Mágica*, uma espécie de revista ilustrada republicana<sup>25</sup>, humorística e crítica, aos moldes da *Revista Ilustrada da Corte*, seguido do jornal *Anti-Rebate*, um semanário abolicionista e republicano, redigido por Ricardo Guimarães e Rangel Sobrinho com a possível colaboração de Martins Júnior, Madeira Filho e Pardal Mallet.<sup>26</sup>

A leitura dos artigos da *Lanterna Mágica* e do *Anti-Rebate*, a análise das ilustrações<sup>27</sup> e o discurso antiNabuco e antiabolicionista evidenciam o caráter popular de mais uma campanha eleitoral no Recife, com grande destaque para

---

<sup>21</sup> *Jornal do Recife*, 31 de agosto de 1887, n. 197, p. 2.

<sup>22</sup> Luiz do Nascimento, *História da imprensa de Pernambuco*, Recife: Imprensa Universitária, 1966. Vol. 6, p.98.

<sup>23</sup> Há um vácuo nos arquivos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional sobre os anos de 1879 até 1889 da folha *A Província*, algo que, dentre várias outras possibilidades, podemos associar à tentativa de silenciar histórias e narrativas sobre movimentos populares como o movimento abolicionista mais progressista que ocorreu em Pernambuco. Provavelmente essas folhas foram extraviadas, incineradas, ou destruídas de outras formas pelos opositores do grupo de José Mariano, que era seu principal condutor naqueles anos, ou no imediato pós-abolição ou em anos subsequentes. Mas, aqui só podemos criar hipóteses sobre a questão, todavia, o período que não aparece nos arquivos bate com a periodização mais conservadora do movimento abolicionista e do golpe civil-militar que derrubou a monarquia no Brasil 1879-1889, do qual saíram como “perdedores” muitos dos responsáveis pelo movimento abolicionista mais “radical”. As publicações d’*A Província* voltam a aparecer nos arquivos a partir do ano de 1890.

<sup>24</sup> Enquanto o *Diário de Pernambuco* e um grupo do partido Liberal, vinculado ao *Jornal do Recife*, fizeram campanha e defenderam o candidato do governo a folha ligada a José Mariano (*A Província*) e os jornais e revistas republicanos fizeram coro em favor da candidatura de Nabuco. *Diário de Pernambuco*, 23 de agosto de 1887, n. 191, p. 3 e 30 de agosto de 1887, n. 197, p. 4. “Partido Liberal: A eleição do 1º distrito”, *Jornal do Recife*, 4 de setembro de 1887, n. 201, p. 2.

<sup>25</sup> Segundo Luiz do Nascimento, o Diretor-proprietário da *Lanterna Mágica* era Luiz Antônio da Silveira Távora, um ilustrador cearense e republicano. Nascimento, *História da imprensa de Pernambuco*, Vol. 6, pp. 112 e 229-231, *Lanterna Mágica*, 10 de agosto de 1889, n. 265, pp. 3-4.

<sup>26</sup> *Anti-Rebate: Semanário Abolicionista e Republicano*, Recife, 6 de agosto de 1887, n. 6, p. 1.

<sup>27</sup> *Lanterna Mágica*, 10 de setembro de 1887, nº 200, p. 4 e p. 7; *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1887, n. 466, p. 1.

a participação da população negra, de todas as categorias sociais, que foram representadas por discursos e ilustrações nessas folhas e aparecem como representantes direto do povo nessas disputas políticas.

Desacreditados da lisura do processo político e tendo em vista a união dos conservadores e dos liberais escravocratas em Pernambuco pela eleição de Machado Portella, os republicanos iniciaram suas publicações, sobre as eleições de 1887, acusando a forma como estava organizado o regime eleitoral no Império, pois, segundo eles,

o nosso povo, educado no fatal princípio político de subir e descer, entendendo que o único fim dos partidos é a distribuição dos empregos, pouco se importa com as ideias. Todo o seu empenho é saber quem é o delegado, quem é o subdelegado, e quanto ganha por dia um guarda da Casa de Detenção.<sup>28</sup>

Sendo assim, como poderiam os abolicionistas, fora do poder, contar com este eleitorado para o triunfo do seu candidato? Na visão daquele grupo, distanciando dos canais políticos institucionais, “os homens presos aos partidos por favores eleitorais eram muitos, os de progresso poucos”.<sup>29</sup>

Já que não podiam contar somente com o eleitorado, preso aos favores políticos que o obrigava a votar pelo candidato da ordem, a resposta viria no apoio que as classes destituídas de direitos políticos poderiam dar nas ruas, no dia da eleição e na escolha dos eleitores negros que poderiam, caso se unissem aos interesses dos liberais, desequilibrar a disputa.

Os partidários da abolição associavam, mais uma vez, a eleição a uma disputa entre a “civilização x obscurantismo”, liberdade x escravidão”,

---

<sup>28</sup> Essa crítica feita pelos republicanos aos eleitores era invertida pelos liberais representantes do *Jornal do Recife*, que apontavam para a corrupção das lideranças conservadoras. Acusavam Machado Portella e o Barão de Cotegipe de distribuírem de cargos públicos para amigos, afilhados e apaniguados políticos, o que prejudicava, obviamente, os aliados e filiados aos liberais. “A reeleição do Sr. Portella”, *Jornal do Recife*, 24 de agosto de 1887, n. 191; “Governo Corruptor”, *Jornal do Recife*, 23 de agosto de 1887, n. 190, p. 2. Segundo Felipe Azevedo, no Brasil, a reforma de 1881 foi executada no sentido contrário à democratização do sufrágio e contou ainda com um agravante, as alterações nas exigências para o acesso ao título eleitoral deram margem a um aumento considerável no número proporcional de funcionários públicos alistados. Categoria profissional tradicionalmente vinculada às tramas clientelísticas que capitalizavam os cargos do funcionalismo em transações de barganha eleitoral. A nova composição do eleitorado visou e conseguiu potencializar eleições ainda mais controladas pelo governo, principalmente pautadas na negociação de cargos públicos. Felipe Azevedo e Souza, “A participação política das classes populares em três movimentos, Recife (c. 1880 - c. 1900)”, Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018, pp. 34-36, <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1634771>.

<sup>29</sup> *Lanterna Mágica*, 10 de setembro de 1887, n. 200, p. 2.

“trabalhadores nacionais x imigrantes”, entre outros binômios. Para eles, “a Europa inteira e o Brasil estavam de olhos fixados no Recife” e aquela era uma grande oportunidade para os eleitores do primeiro distrito mostrarem o seu valor ao mundo, pois, “votar em Portella seria não ter coração, não ter consciência, não ser humano, não ser cristão.”<sup>30</sup>

Além dos argumentos morais, os republicanos somaram suas justificativas contra as presunções raciais de Portella e dos seus apoiadores.<sup>31</sup> Segundo eles, era do interesse de Machado Portella incentivar a imigração italiana, belga e malteza “para melhorar o sangue de nossa raça”.<sup>32</sup> Os críticos do “candidato escravocrata” instrumentalizavam e moralizavam esses argumentos para conseguirem o apoio do eleitorado pernambucano que tinha em suas fileiras diversos cidadãos pardos e negros, disparando contra os aliados do conservador, “faça bom proveito dos engraxates belgas do sr. Portella: leve-os para sua casa para melhorar a raça de suas parentas [...] para tirar algum louro com elas.” E arremataram: “nós, como brasileiros, temos orgulho do sangue que corre nas veias, e assim pensam todos os brasileiros que amam a sua pátria”.<sup>33</sup>

Segundo Marcelo Mac Coord, Machado Portella - que chegou a ser sócio honorário da *Sociedade Imperial dos Artistas Mecânicos e Liberais* e era irmão de um dos seus diretores e fundadores (Joaquim Pires Machado Portella<sup>34</sup>) tinha a

---

<sup>30</sup> *Lanterna Mágica*, 10 de setembro de 1887, n. 200, p. 2.

<sup>31</sup> Segundo Felipe Azevedo, mesmo diante de uma questão racial candente, em 1884, antes e após o conflito, termos ligados a raça não foram evocados nos artigos de jornais, como a cor da pele dos participantes, por exemplo. Porém, houve um esforço, ainda que implícito, dos conservadores em utilizar termos e categorias imbuídas de um sentido racial, como por exemplo quando citaram “a exaltação de todas as paixões ruins”. Felipe Azevedo Souza, “De repente ‘povo’: maneiras de pensar a participação política a partir da campanha abolicionista de 1884”, *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, v. 34, n. 1 (2016), pp. 41-42, <https://doi.org/10.22264/cliio.issn2525-5649.2016.34.1.do.26-51>. O que foi “implícito em 1884”, tornou-se arma nas mãos dos abolicionistas em 1887 contra os candidatos “escravocratas”, pois, a racialização do debate político foi instrumentalizada abertamente dos dois lados, mas teve muito mais força contra o candidato do partido conservador.

<sup>32</sup> *Lanterna Mágica*, 10 de setembro de 1887, n. 200, p. 2.

<sup>33</sup> Provavelmente havia nessa denúncia uma tentativa de atrair o eleitorado negro para as fileiras abolicionistas, apelando para a defesa da população negra os republicanos tentavam associar os conservadores não somente à escravidão, mas a princípios racistas prejudiciais aquela parcela da população. *Lanterna Mágica*, 10 de setembro de 1887, n. 200, p. 2. Encontramos este posicionamento de um eleitor que ao declarar seu voto em Portella defendeu o sistema de colonização, que segundo ele buscava promover o candidato conservador em Pernambuco, trazendo belgas, italianos e malteses para apurar o sangue africano e aborígine que “quase exclusivamente nos corre nas veias, legando-nos os vícios da escravidão dessas raças selvagens.” Segundo este eleitor, Machado Portella fazia muito bem em tentar melhorar a nossa raça. *Diário de Pernambuco*, 30 de agosto de 1887, n. 197, p. 5.

<sup>34</sup> Joaquim Pires Machado Portella “foi referido como doutor, tinha 33 anos, residia na Rua Nova e ocupava a Direção Geral da Instrução Pública. No mesmo período em que se tornou associado, o político conservador acumulou muito poder. Em 1862, estava na presidência do Conselho

fidelidade de muitos artífices e dos seus líderes vinculados àquela instituição, ligados historicamente ao partido conservador.<sup>35</sup> A *Imperial Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais* representava boa parte da mão de obra livre profissionalizada de Pernambuco, formada em sua maioria por “homens de cor”. A *Sociedade* controlava o acesso ao *Liceu de Artes e Ofícios* de Pernambuco, sendo a instituição que fazia funcionar o sistema de reprodução das atividades “mecânicas e liberais” em Pernambuco.<sup>36</sup> Todavia, naquele momento de racialização do debate político, tanto as questões sobre o abolicionismo quanto a questão da imigração, e da possível substituição da mão de obra nacional pela estrangeira, foram utilizadas pelos abolicionistas, contra Portella, para buscar o apoio dos artífices nacionais que historicamente estavam mais vinculados ao grupo político dos conservadores.

Nesse contexto, em setembro de 1887, um grupo chamado *Núcleo Artístico Abolicionista* foi formado por artistas negros como David Francisco Gentil (carpinteiro e cocheiro),<sup>37</sup> Eleutério José dos Santos (marceneiro)<sup>38</sup>, Luiz Francisco das Chagas (alfaiate)<sup>39</sup> e por acadêmicos e por professores e bacharéis negros como Manoel da Motta Monteiro Lopes<sup>40</sup>, Feliciano André Gomes<sup>41</sup> e

---

Diretor da Instrução Pública, na 2ª Vice-Presidência da província e em uma das cadeiras da Assembleia Provincial de Pernambuco.” Marcelo Mac Cord. “Andaimes, casacas, tijolos e livros: uma associação de artífices no Recife”, 1836-1880, Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009, <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280996>.

<sup>35</sup> Em 1875, Machado Portella se tornou diretor da Sociedade Imperial dos Artistas Mecânicos e Liberais, abocanhando, neste mesmo ano, o mais importante cargo da sociedade. Marcelo Mac Cord, “A “união artística”: construção e legitimidade de uma entidade de classe, Recife, década de 1870”, *Revista Perseu*, n. 4 (2009), pp. 48-52, <https://revistaperseu.fpabramo.org.br/index.php/revista-perseu/article/view/179>. Izabel Marson apontou que a freguesia de São José, onde boa parte dos artífices trabalhavam e dos sócios moravam, era o principal reduto político de Machado Portella. Portanto, a aproximação política dele com a Sociedade e com os artistas era uma estratégia política fundamental para angariar votos. Izabel Andrade Marson, *Política, História e Método em Joaquim Nabuco: tessituras da revolução e da escravidão*, Uberlândia: EDUFU, 2008.

<sup>36</sup> Forjada na tradição corporativa, que pressupunha hierarquia e disciplina, a Sociedade Imperial dos Artistas Mecânicos e Liberais serviu como trampolim para que seus membros conquistassem mobilidade social ascendente, sendo imprescindível que tivessem posses, deveriam defender o direito de propriedade e lutar pela estabilidade da ordem em seus mais amplos sentidos, incluindo a propriedade escrava. Mac Coord, “A “união artística”, pp. 48-50.

<sup>37</sup> *Jornal do Recife*, 13 de julho de 1884, n. 160, p. 2.

<sup>38</sup> *Jornal Pequeno*, Recife, 12 de outubro de 1904, n. 229, p. 2.

<sup>39</sup> Luiz Francisco das Chagas tinha duas lojas de alfaiataria, uma na rua das Trincheiras n.º 27 e outra no Largo de São Pedro n.º 1. *Diário de Pernambuco*, 10 de agosto de 1882, n. 181, p. 5 e 17 de outubro de 1884, n. 240, p. 4. Ele era membro do Monte Pio Popular Pernambucano. *Jornal do Recife*, 18 de novembro de 1884, n. 266, p. 1. Com o advento da República Chagas se tornou subdelegado. *Jornal do Recife*, 12 de outubro de 1889, n. 232, p. 2.

<sup>40</sup> Para saber mais sobre Monteiro Lopes ver Petrônio Domingues, “Vai ficar tudo preto: Monteiro Lopes e a cor na política”, *Novos estudos CEBRAP*, n. 95 (2013), São Paulo, pp. 59-81, <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000100004>.

<sup>41</sup> José Bento Rosa da Silva e Arthur Danilo Castelo Branco Souza. “Doutor Feliciano André Gomes (1859-1927): Notas preliminares sobre um tribuno negro em Pernambuco”, *Sæculum* –

Euthimio Manoel do Bomfim.<sup>42</sup> Esses sujeitos, com uma vasta experiência associativa e mutualista, abriram mais uma frente contra a escravidão em Pernambuco, dividindo o apoio político que os conservadores tinham por parte da classe dos artistas, bacharéis e professores negros de Pernambuco. Todos os membros do corpo administrativo dessa instituição, que também se propunha a “libertar escravizados”, estavam alistados como eleitores e, certamente, nem seu apoio nem seus votos seriam dados ao candidato do Governo.<sup>43</sup>

Luiz Francisco das Chagas, um afamado alfaiate pernambucano, em 1875, além de figurar como conselheiro da *Sociedade Beneficente dos Artistas Alfaiates*<sup>44</sup>, era ligado ao partido liberal através do *Clube Popular*, do qual José Mariano era um dos fundadores<sup>45</sup> e que tinha por lema: *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*<sup>46</sup> e “por fim doutrinar o povo nos princípios políticos e sociais.”<sup>47</sup> Esses homens também aparecem como membros de importantes irmandades negras do Recife. Tanto David Francisco Gentil quanto Francisco das Chagas foram secretários da confraria de São Benedito, que funcionava no convento de São Francisco,<sup>48</sup> tendo ainda Gentil atuado como secretário e tesoureiro da *Confraria de Nossa Senhora do Rosário* e Chagas como procurador geral da mesma irmandade.<sup>49</sup> Na verdade, quase todos os membros do *Núcleo Artístico Abolicionista* fizeram parte das irmandades de *Nossa Senhora do Rosário* e de *São Benedito*, duas das mais importantes confrarias de homens negros no Brasil.<sup>50</sup>

---

*Revista de História*, v. 26, n. 44 (2021), pp. 190-207, <https://doi.org/10.22478/ufpb.2317-6725.2021v26n44.55527>.

<sup>42</sup> Os representantes do Núcleo Artístico Abolicionista eram: Presidente: Sabino José Santos Júnior, vice Luiz Francisco das Chagas, 1º secretário: David Francisco Gentil; 2º secretário, Manoel da Motta Monteiro Lopes; 1º orador, Feliciano André Gomes; 2º orador, professor Euthimio Manoel do Bomfim; Tesoureiro, Eleutério José dos Santos e Procurador, Benedicto Augusto dos Santos. *Jornal do Recife*, 13 de setembro de 1887, n. 207, p. 2 e 14 de setembro de 1887, n. 209, p.1.

<sup>43</sup> David Gentil e Luiz das Chagas aparecem alistado como eleitores do 1º Distrito em 1885. *Diário de Pernambuco*, 23 de outubro de 1885, n. 242, p. 3; *Jornal do Recife*, 11 de janeiro de 1885, 8, p. 2. Eleutério José dos Santos já aparece como eleitor desde 1882. *Diário de Pernambuco*, 18 de junho de 1882, n. 138, p. 3.

<sup>44</sup> *A Província*, Recife, 5 de setembro de 1875, n. 674, p. 2.

<sup>45</sup> *A Província*, 16 de outubro de 1875, n. 706, p. 3.

<sup>46</sup> *Jornal do Recife*, 15 de maio de 1875, n. 110, p. 2.

<sup>47</sup> Eram duas as obrigações para se tornar membro do Club Popular, o pagamento da mensalidade e que o indivíduo fosse “reconhecidamente liberal”. *Estatutos do Club Popular do Recife*, Recife, Typographia Mercantil – de C. E. Muhlert & Cia, 1869. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE), Recife, *Setor de Folhetos Raros*, Caixa 16. Uma lista com o nome de 456 membros do Club Popular saiu no *Jornal do Recife* do dia 15 de maio de 1875. *Jornal do Recife*, 15 de maio de 1875, n. 110, p. 2.

<sup>48</sup> *Diário de Pernambuco*, 5 de junho de 1880, n. 128, p. 4 e 31 de outubro de 1882, n. 249, p. 5.

<sup>49</sup> *Diário de Pernambuco*, 16 de junho de 1881, n. 136, p. 3; *Almanak Administrativo, Mercantil, Industrial e Agrícola da Província de Pernambuco para o Anno de 1881*, Recife, n. 1, p. 113.

<sup>50</sup> Segundo Felipe Azevedo, David Gentil e Eleutério José dos Santos participaram da fundação e da articulação das ações da Liga Operária de Pernambuco. Felipe Azevedo Souza, “A blusa e a urna: metamorfoses do associativismo de trabalhadores em Pernambuco entre o Império e a

Na ausência de apoio do próprio partido, o *Núcleo Artístico Abolicionista* foi mais um dos grupos dissidentes que apoiaram Nabuco. Consumada a abolição, essas lideranças negras readequaram as suas demandas, transformando o *Núcleo Artístico Abolicionista* em *Núcleo Artístico Instrutivo*, tomando como exemplo o movimento abolicionista<sup>51</sup>, continuaram a utilizar o repertório do associativismo negro<sup>52</sup> para melhorar suas condições de vida e trabalho.<sup>53</sup>

Antes do dia das eleições, os republicanos ainda comemoraram a saída do Chefe de Polícia de Pernambuco, o Comendador João Pinto de Lemos. Segundo eles,

O Club da Pua, as capoeiras e os escravocratas”, em homenagem a proteção que receberam do ex-chefe, iriam lhe fazer uma manifestação de apreço, entregando-lhe “um serrote, uma pua, um punhal, um revolver, um compasso, um quiry, um tronco, uma corrente e um chicote em retribuição aos serviços prestados pelo chefe como capitão de campo<sup>54</sup>.

A homenagem seria realizada por volta da meia noite “com receio de que não seja perturbada pelo Club do Cupim”. Ironias à parte, os republicanos enxergavam no Clube do Cupim, representados nas ruas principalmente por homens negros, livres, libertos e escravizados, a base de apoio e a linha de frente nas disputas eleitorais e cotidianas contra as autoridades escravocratas da província. Deixaram isso bem claro numa das ilustrações que fizeram cuja

---

República”, *Revista Mundos do Trabalho*, v. 12 (2020), pp. 1-18 (p. 10), <https://doi.org/10.5007/1984-9222.2020.e71472>; Eleutério José dos Santos, David Gentil, Luiz Chagas, Benedicto Augusto dos Santos aparecem constantemente como membros eleitos para os cargos administrativos das Irmandades de São Benedito e do Rosário. *Diário de Pernambuco*, 16 de junho de 1881, n. 136, p. 3 e 22 de outubro de 1889, n. 240, p. 3.; *Almanak Administrativo, Mercantil, Industrial e Agrícola da Província de Pernambuco para o Anno de 1881*, n. 1, p. 113; *Jornal do Recife*, 20 de outubro de 1891, n. 238, p. 3. Lucillene Reginaldo, *Os rosários dos angolas: irmandades de africanos e crioulos na Bahia setecentista*, São Paulo: Alameda, 2011; Marcelo Marc Cord, *O rosário de D. Antônio: irmandades negras, alianças e conflitos na história social do Recife (1848-1872)*, Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005.

<sup>51</sup> Uma das primeiras ações do Núcleo em 1889 foi organizar uma festa em homenagem ao 13 de maio. *Jornal do Recife*, 28 de abril de 1889, n. 95, p. 3.

<sup>52</sup> Petrônio Domingues cunhou o termo "associativismo negro" para definir a atuação da "população de cor" nas associações fundadas e administradas pela população negra do Rio de Janeiro. Domingues demonstrou que as instituições tinham ideias parecidas, voltadas, muitas delas, para o enfrentamento do racismo, servindo como espaço de ampliação de acesso aos direitos da cidadania, tão negados à população negra associada a um passado escravista. Petrônio Domingues, "Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930)", *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 34, n. 67 (2014), pp. 251-282, <https://doi.org/10.1590/S0102-01882014000100012>.

<sup>53</sup> *Diário de Pernambuco*, 29 de agosto de 1888, n. 196, p. 2.

<sup>54</sup> *Lanterna Mágica*, 10 de setembro de 1887, n. 200, p. 3.

legenda dizia: “Grande manifestação de apreço do Clube do Cupim ao popular chefe do partido liberal Arariboia<sup>55</sup>! Não levão flores por causa da estação que só produz ortigas...”<sup>56</sup>

Na ilustração aparece ao fundo a representação do Barão de Arariba fugindo de homens negros descalços, provavelmente libertos e escravizados, situados como membros do Clube do Cupim, portando cipós de urtigas e correndo atrás do liberal escravocrata. Mais uma vez, os abolicionistas reconheciam a importância que aqueles indivíduos tinham, naquelas circunstâncias.<sup>57</sup>

O próprio Barão de Arariba, num artigo endereçado a Joaquim Nabuco, falou sobre a ação dos escravizados contra sua pessoa. Segundo ele, os abolicionistas tentaram aliciar seus escravos, mas não conseguiram, “apesar das ameaças e dos esforços empregados, como com outros têm feito, servindo-se para isso até dos escravos fugidos.”<sup>58</sup> Os redatores do *Anti-Rebate*, asseverando ainda mais o tom conflitivo da ocasião, proclamaram,

por nossa parte entendemos que Nabuco deve ser eleito, embora para isso se faça preciso o auxílio do bacamarte, o prestígio do cacete ou da faca de ponta. Alertem -se os eleitores do 1º distrito e façam descarregar todos os seus votos sobre Nabuco que assim terão cumprido o seu dever.<sup>59</sup>

Em resposta à violência policial contra um meeting abolicionista em Afogados, no dia 04 de setembro<sup>60</sup>, os republicanos Ricardo Guimarães, Rangel

---

<sup>55</sup> Referência ao Barão de Arariba.

<sup>56</sup> *Lanterna Mágica*, 10 de setembro de 1887, n. 200, p. 4.

<sup>57</sup> *Lanterna Mágica*, 10 de setembro de 1887, n. 200, p. 4.

<sup>58</sup> Arariba se utilizava do espaço no *Jornal do Recife* para defender a legalidade de sua propriedade, contestada pelos abolicionistas, dizendo ser agricultor há 27 anos, possuindo escravos com propriedade reconhecida pela lei, tendo-os comprado a alto preço, como provam as escrituras que possuía, que estaria à disposição dos abolicionistas para confirmar o que ele dizia. Gonçalves Ferreira afirmou: “representando os meus escravos o que herdei de meus pais e o fruto muito lícito do meu trabalho, julgo-me com o direito de mantê-los contra as rapinagens dos falsos apóstolos do abolicionismo, que parece terem feito dele meio de vida, como poderei provar. Enquanto a lei do país não emancipar os escravos, tenho o direito de defender a minha propriedade servil, e qualificar a tirada dos escravos dos seus senhores um furto, e a usufruição, que muitos fazem, dos escravos furtados uma infâmia.”, *Jornal do Recife*, 13 de setembro de 1887, n. 207, p. 2.

<sup>59</sup> *Anti-Rebate: Semanário Abolicionista e Republicano*, 3 de setembro de 1887, n. 10, p. 1.

<sup>60</sup> Segundo Angela Alonso, Nabuco nem se fez presente no local, tendo a polícia conservadora agido contra as pessoas que gritaram seu nome em público. Na ação, a polícia matou um eleitor conservador e o seu caixão foi carregado por Nabuco e Mariano, “a contragosto da família”. Nos braços do povo e, literalmente, carregando o povo pelos braços, Nabuco saía das ruas para os

Sobrinho, Madeira Filho e J.J Figueiredo Júnior aconselharam:

Pernambucanos (...) em vista do inqualificável procedimento que o governo tem tido é necessário que cada um de vós, no dia 14 do corrente, ao sair de casa para a eleição, muna-se primeiro de uma boa arma para com ela poder resistir aos ataques prováveis dos servos do governo (...) Se o governo é uma emanção do povo e tem o desplante de armar-se contra o seu criador, cabe a este o direito de anulá-lo por todos os meios a seu alcance.<sup>61</sup>

A desobediência civil seria a resposta dada pelos abolicionistas contra a organização do governo escravocrata. Era necessário que os eleitores fossem sufragar Nabuco, no dia 14 de setembro, mas eles sabiam que sem o apoio das armas e do “povo das ruas”, talvez, fosse impossível conter a união entre os conservadores e os liberais leoninos que estavam contra a candidatura do abolicionista. Sem poder contar com o apoio do próprio partido, o candidato precisava dos eleitores, mas não poderia prescindir do “povo das ruas”, nem mesmo da violência política para poder vencer o pleito. A ação política daquelas pessoas era crucial para a vitória de Nabuco.

Alguns críticos, na tentativa de desestabilizar o apoio que os eleitores negros estavam dando ao candidato abolicionista, escreveram no *Diário de Pernambuco* que Joaquim Nabuco “preferia ter que ficar na Inglaterra do que vir a conversar com os negros e pobres de Pernambuco” e disseram ainda que ele havia afirmado, numa conferência no teatro *Variedades* que, “após a abolição todos os negros deveriam ser lançados para a Costa d’África.”<sup>62</sup> Acusavam os abolicionistas de usarem de “meios mais profícuos do que os votos da maioria do eleitorado” para conquistarem a vitória no dia 14 com violência.<sup>63</sup>

---

salões do Parlamento novamente, em 1887. Angela Alonso, *Joaquim Nabuco: Os salões e as ruas*, São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 221.

<sup>61</sup> *Anti-Rebate: Semanário Abolicionista e Republicano*, 3 de setembro de 1887, n. 10, p. 1.

<sup>62</sup> *Diário de Pernambuco*, 31 de agosto de 1887, n. 198, p. 2 Ver também “A apresentação do Sr. Joaquim Nabuco ao eleitorado do 1º Distrito”, *Diário de Pernambuco*, 1 de setembro de 1887, n. 199, p. 3 e *Diário de Pernambuco*, 6 de setembro de 1887, n. 203, p. 4.

<sup>63</sup> Afirmavam os conservadores: “É o governo quem especula com a desordem, mas é o Sr. Nabuco e os seus que aconselham nas praças públicas e na imprensa que o povo se arme para que se vença a eleição de 14 de setembro!” “O Manifesto do Sr. Joaquim Nabuco”, *Diário de Pernambuco*, 10 de setembro de 1887, n. 206, p. 3. Chamaram os abolicionistas de amotinadores e turbulentos e acusaram eles de estarem convocando o povo a irem às ruas portando facas e cacetes para vencer as eleições. *Diário de Pernambuco*, 11 de setembro de 1887, n. 207, p. 3. Procuravam trazer à tona os acontecimentos de São José em 1884, associando os abolicionistas à violência política e pedindo que seus eleitores, “negros e pobres” fossem às urnas rejeitar o “candidato forasteiro”, o “Gladstone Mirim.”, *Diário de Pernambuco*, 13 de setembro de 1887, n. 208, p. 3.

Os abolicionistas, além de denunciarem a violência policial praticada pelos conservadores, indicaram a possível compra de votos para Portella por parte do Governo.<sup>64</sup> No final, apesar de terem criticado os eleitores do primeiro distrito, fizeram previsões positivas para as eleições do dia 14 de setembro 1887, acreditando que, apesar de todos os artifícios legais e ilegais dos donos do poder, Nabuco sairia vencedor, “não valendo de nada o consórcio dos guabirus (conservadores) e leões (liberais)” contra os abolicionistas.<sup>65</sup>

Ambos os grupos demonstravam estar cientes da importância do voto do eleitorado negro e da participação da população negra que, mesmo sem acesso à cidadania política, lutaria nas ruas para conquistar a vitória do candidato abolicionista. Os republicanos e os abolicionistas liberais convocavam-nos a irem às urnas e as ruas para representar a abolição, o cristianismo, a civilização, defendendo-os de possíveis ataques racistas vinculados ao candidato do governo, procurando relacionar constantemente Portella à escravidão e à discriminação racial. Já os opositores de Nabuco, procuravam manchar sua imagem com a população negra, afirmando que todo o seu discurso abolicionista não passava de retórica para conquistar o poder e que ele não cumpriria suas promessas, buscando o auxílio da população somente quando precisava de votos. Segundo eles, Nabuco não se preocupava com as consequências da abolição, cogitando até mesmo enviar a população negra para fora do Brasil, acusavam-no de representar os interesses estrangeiros dos ingleses, não os interesses dos nacionais.<sup>66</sup>

Na eleição anterior, em janeiro de 1886, ao reclamar da sua depuração, com seu amigo, secretário da *Anti-Slavery Society*, Charles Allen, Nabuco criticou o governo e o eleitorado, alegando que a maioria dos votos que obteve o candidato conservador foi devida à pressão do governo sobre os empregados públicos,

que formam uma grande parte do pequeno eleitorado desta cidade, e às promessas de emprego distribuídas

---

<sup>64</sup> Conseguimos acompanhar alguns relatos do jornal *A Província* que foram respondidos no *Jornal do Recife*. José Mariano acusou o Barão de Arariba de ter escravos matriculados e adquiridos ilegalmente, como no caso de Marciano, que foi libertado pelo Barão, pois seus advogados o aconselharam a fazer isso devido a propriedade não poder ser provada de forma legítima. Mariano também o acusava de comprar votos para os conservadores. *Jornal do Recife*, 3 de setembro de 187, n. 200, p. 2. *Lanterna Mágica*, 10 de setembro de 1887, n. 200, p. 5.

<sup>65</sup> “Consórcio Híbrido. Um leão e um rato!” in *Lanterna Mágica*, 10 de setembro de 1887, n. 200, p. 4. Os republicanos ilustraram a união entre liberais e conservadores, representados como um rato (guabiru) e um leão, que se utilizavam da Coluna Liberal no *Jornal do Recife* para fazer campanha a favor de Portella.

<sup>66</sup> Os escravocratas acusavam também *A Província*, José Mariano, Joaquim Nabuco e a imprensa republicana de convocar o povo às armas, como fez em 1884. *Jornal do Recife*, 13 de setembro de 1887, n. 207, p. 2. A eleição e os candidatos. *Diário de Pernambuco*, 1 de setembro de 1887, n. 199, p. 3; *Diário de Pernambuco*, 10 de setembro de 1887, n. 206, p. 4.

profusamente entre as classes pobres do nosso povo, enquanto os grandes senhores de escravos obrigavam a todos aqueles que deles dependessem a votar contra mim; e os pretos, que são numerosos, não eram todos fiéis a nossa causa e votaram em grande número pela bandeira da escravidão <sup>67</sup>

Em 1887, ao visitar a casa de muitos eleitores pobres, em sua maioria homens negros, Nabuco alterou seu entendimento. Ao entrar “em contato direto com a parte mais necessitada da população”, percebeu que havia interesses políticos, mas que estes não correspondiam aos interesses escravocratas e sim aos cálculos sobre as necessidades imediatas de sobrevivência. Cálculos políticos do cotidiano que as pessoas entendiam muito bem. Percebeu que votar no candidato conservador-escravocrata não significava ser favorável à escravidão, mas à própria sobrevivência, ao amparo da família, à possibilidade de negociar condições melhores de vida. O candidato chegou a dissuadir alguns eleitores, como no caso de Jararaca<sup>68</sup>, de votar nele para não perder seu emprego.

Jararaca tinha quatro filhos, uma esposa e ainda por cima estava cuidando de uma criança que fora abandonada na porta de sua casa. Empregado do Arsenal da Marinha, portava uma chapa de caixaõ - uma cédula marcada - que o obrigava a votar em Portella, caso contrário perderia seu emprego. Mesmo assim, Jararaca estava disposto a negociar o seu voto com Nabuco, caso este conseguisse contatar Floriano Peixoto e entregar-lhe uma carta que certamente conteria alguns pedidos.<sup>69</sup> O homem mostrou que entendia muito bem como funcionavam as engrenagens daquela sociedade e, apesar de ter vontade de votar no candidato abolicionista, não poderia correr o risco de ver sua família passar fome, a não ser que alguém garantisse que seu sustento estaria mantido.

Antes das eleições, no dia 07 de setembro de 1887, o *Centro Republicano*

---

<sup>67</sup> Leslie Bethell e José Murilo de Carvalho, “Joaquim Nabuco e os abolicionistas britânicos: correspondência, 1880-1905”, *Estudos Avançados*, v. 23, n. 65 (2009), pp. 207-229, <https://doi.org/10.1590/S0103-40142009000100015>. José Thomaz Nabuco, *O Arresto do Windhuk - Recordações de Uma Luta Judiciária - Memórias, Ensaios e Crônicas de JOSÉ THOMAZ NABUCO por Ocasão do seu Centenário. Biografia deste grande advogado e jornalista brasileiro*, Rio de Janeiro: Bem-te-Vi Produções Literárias, 2003, pp. 79-80.

<sup>68</sup> Felipe Azevedo trabalha o caso de Jararaca para elucidar como funcionava aquilo que ele chama de “sociedade do favor”. Uma sociedade pautada por diversos tipos de hierarquias, mas que não era entendida somente pela elite política da época, tendo em vista que as pessoas de baixo também precisavam lidar com questões políticas para reproduzirem suas vidas de acordo ou em conflito com essa sociedade. Souza, “A participação política das classes populares em três movimentos, Recife (c. 1880 - c. 1900)”. Para saber mais sobre a política na “sociedade do favor” ver Felipe Azevedo Souza, *Nas ruas*, pp. 47-76.

<sup>69</sup> Joaquim Nabuco, *Minha Formação*, São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 209.

organizou um Congresso com a presença de Martins Júnior, Albino Meira de Vasconcellos, Martiniano Veras, Pinto Pessoa e, o ainda acadêmico, Nilo Peçanha, futuro presidente do Brasil, que manifestou sua indignação com o governo monárquico e sua conivência com a escravidão.

Nas palavras de Peçanha, a monarquia era o regime que “reduzia pessoas livres à escravidão”, protestando também contra a proibição de se organizarem meetings republicanos e abolicionistas.<sup>70</sup> Tratando-se das eleições do dia 14 de setembro, o *Centro Republicano de Pernambuco*, após receber um telegrama de Saldanha Marinho, afirmou não poder apresentar Nabuco como candidato oficial, “em vista de suas opiniões monárquicas, mas atendendo-se que também é uma aspiração republicana a extinção da escravidão no Brasil” aconselhou aos eleitores republicanos do 1º Distrito a votarem no “chefe abolicionista”.<sup>71</sup>

O *Anti-Rebate* abriu sua edição, no dia 17 de setembro de 1887, com o título: *Apotheose ao eloquente orador e chefe abolicionista Dr. Joaquim A. Nabuco de Araújo pela esplêndida vitória de 14 de setembro de 1887*.<sup>72</sup> Apesar de toda chicana e cabala política do candidato conservador e dos liberais escravocratas, Nabuco foi eleito com 1.407 votos, enquanto Portella obteve 1.270, uma diferença significativa à época, tendo em vista o pequeno número de eleitores no Império e o fato de Nabuco ter disputando uma eleição contra um Ministro de Cotegipe.<sup>73</sup> A confirmação da opinião pública abolicionista nas urnas foi uma grande vitória, tanto política quanto moral para o movimento abolicionista contra o Governo escravocrata, tendo ambos os lados deixado patente que o auxílio da população negra vinculada ao Clube do Cupim foi crucial para a vitória de Nabuco.<sup>74</sup>

A partir da análise dos artigos e das ilustrações publicadas naquelas folhas, entendemos que a participação da população negra foi crucial para a vitória de Nabuco contra um Ministro do Império, em 1887. A união de pessoas negras nascidas livres que tinham profissões reconhecidas socialmente como

---

<sup>70</sup> *Jornal do Recife*, 10 de setembro de 1887, n. 205, p. 2.

<sup>71</sup> Assinaram esta moção: Martins Júnior, Nilo Peçanha, Martiniano Veras, Dr. Pinto Pessoa e Dr. Albino Meira. *Jornal do Recife*, 11 de setembro de 1887, n. 206, p. 1. Segundo Flávia Braga, apesar de apoiar Nabuco, o Centro Republicano lançou a candidatura de Balthazar da Silveira. Braga, “*Ditadura, Abolição e República*”, p.151.

<sup>72</sup> *Anti-Rebate: Semanário Abolicionista e Republicano*, 17 de setembro de 1887, n. 12, p. 1.

<sup>73</sup> Nabuco, *O Arresto do Windhuk*. p. 91.

<sup>74</sup> *A Província*, em sua edição de 03 de junho de 1888, ao tratar da vitória de Nabuco em 1887, disse que este não foi eleito, mas antes guerreado pela aristocracia que dominava o partido liberal, sendo o seu mandato conferido pela parte democrática do partido e pelas classes pobres e sofredores. Reconhecia e atribuía-se a Nabuco e Mariano a representação das classes pobres e sofredoras de Pernambuco, todavia, ao mesmo tempo os liberais dissidentes reconheciam a importância daquela parcela da população na vitória do candidato abolicionista. Fernando da Cruz Gouvêa, *Abolição: a liberdade veio do Norte*, Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1988, p. 233.

artífices e professores, ou libertos pobres membros de associações abolicionistas como o *Clube do Cupim* e, por último, mas não menos importante, dos que ainda estivessem escravizados, mas também lutavam cotidianamente contra a escravidão, garantiu a Nabuco o apoio que lhe foi negado pelo seu próprio partido. A sensação do momento era a de uma grande vitória popular contra os interesses da elite escravocrata. Para tanto, precisamos evidenciar ao leitor as duas justificativas que atestam esses nossos argumentos.

Primeiramente, Nabuco não estava no Brasil, quando da abertura da disputa, estava na Europa<sup>75</sup>, portanto, sua campanha não foi iniciada por ele, mas pelos seus amigos republicanos e liberais dissidentes – líderes do movimento abolicionista em Pernambuco - Antônio Carlos, José Mariano, Costa Ribeiro, João Ramos, Numa Pompílio, Barros Sobrinho, Aníbal Falcão, Martins Júnior, entre outros.<sup>76</sup> As lideranças abolicionistas em Pernambuco novamente se moveram para lançar Nabuco à Câmara dos Deputados.

Naquele mesmo ano (1887), quando da visita do escritor português Ramalho Ortigão a Pernambuco, Joaquim Nabuco reconheceu a ação dos seus amigos, apresentando ao escritor alguns líderes do movimento abolicionista em Pernambuco, como Antônio Carlos e Gomes de Mattos, “dois homens que não medem sacrifícios a ideia abolicionista, e ao primeiro dos quais eu devo aclamar acima de qualquer outro, acima mesmo de José Mariano” Apesar de ter conhecido estes dois abolicionistas, Ortigão não conheceu João Ramos,

cujo nome, enquanto houver escravos em Pernambuco, é melhor deixar na sombra modesta em que ele o quer manter, mas cuja biografia por isso mesmo será ainda mais brilhante no dia em que se puder escrever a história da barcaça pernambucana, como se pode escrever a da jangada cearense.<sup>77</sup>

Nabuco reconheceu que o *Cupim* lhe ajudou a alcançar o posto de deputado naquele ano. Citou Antônio Carlos como seu principal cabo eleitoral e João Ramos como um homem modesto e receoso, como o principal líder do movimento das fugas escravas coordenadas.<sup>78</sup> Apesar das perseguições do

---

<sup>75</sup> Nabuco chegou no dia 23 de agosto de 1887, faltando menos de um mês para a eleição. *Diário de Pernambuco*, 24 de agosto de 1887, n. 192, p. 2. Segundo os redatores do *Anti-Rebate* mais de mil pessoas de todas as classes acompanharam o desembarque de Joaquim Nabuco dia 23 de agosto de 1887. Torciam e apoiavam a candidatura do liberal contra Portella. *Anti-Rebate: Semanário Abolicionista e Republicano*, 27 de agosto de 1887, n. 9, p. 1.

<sup>76</sup> *Diário de Pernambuco*, 31 de agosto de 1887, n. 198, p. 2.

<sup>77</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1887, n. 1154, p. 1.

<sup>78</sup> Quando em 27 de abril de 1889, Antônio Carlos visitou o Rio de Janeiro, a imprensa fluminense o cumprimentou como um dos mais notáveis e destemidos chefes do abolicionismo em Pernambuco.

Ministério Cotegipe, que ainda gerava receios, esse tipo de estratégia abolicionista, “o movimento das barças”, já havia se tornado o principal meio de lutar contra os interesses dos escravocratas em Pernambuco.<sup>79</sup>

A segunda justificativa é que, sem o apoio das ruas, os conservadores, que controlavam os aparatos burocráticos e policiais, naquele momento, e contavam também com o apoio das lideranças liberais escravocratas contra o candidato abolicionista, talvez tivessem conseguido vencer as eleições. Utilizando-se da violência estatal e das chicanas eleitorais<sup>80</sup>, tão denunciadas pela imprensa republicana-abolicionista, os escravocratas até tentaram conter a crescente abolicionista, mas falharam. Foi uma eleição difícil de ser vencida. Nabuco não contou com o apoio do próprio partido, que apoiou o seu adversário, entendendo ele que poderia contar somente com o apoio dos republicanos, dos liberais dissidentes e das classes populares.<sup>81</sup> Devido às circunstâncias, assim que chegou em Pernambuco, o candidato abolicionista fez uma campanha bastante diferente das anteriores que disputou entre 1878 e 1886. Foi não somente às ruas, mas as casas dos eleitores, bateu de porta em porta, viu e ouviu a miséria e os problemas das pessoas com os próprios olhos e ouvidos. Essa atitude, certamente mudou a percepção do candidato abolicionista sobre os eleitores.

A sua vitória, sinônimo de vitória abolicionista, reverberou de Norte a Sul no Império. José Correia do Amaral, abolicionista líder da *Sociedade Cearense Libertadora*, ao parabenizar Nabuco pelo pleito conquistado, afirmou: “ainda bem que o povo pernambucano, esse herói sublime, soube mais uma vez vingar os brios da pátria, deitando por terra uma parte do ministério negreiro. Mil parabéns”.<sup>82</sup> Afastado do cotidiano micropolítico de Pernambuco, Ângelo Agostini chegou a retratar a vitória de Nabuco na capa da *Revista Ilustrada*, com a legenda: “Derby político-pernambucano: onde ficou demonstrado que em Pernambuco os bois da junta do coice não podem com um puro sangue!” Na imagem aparecem José Mariano, na arquibancada, torcendo pelo seu aliado e amigo, Portella caído no chão derrotado e Nabuco vencendo a corrida contra a “junta do coice”, fazendo referência à coligação dos escravocratas liberais e conservadores em Pernambuco.<sup>83</sup>

---

Também citaram o fato de que ele, juntamente com Mariano e João Ramos, “sustentou a mais formidável batalha eleitoral contra a escravidão, trabalhando pela eleição de Joaquim Nabuco, em oposição ao Ministro do Império”, *Diário de notícias*, Rio de Janeiro, 27 de abril de 1889, n. 1413, p. 1.

<sup>79</sup> *Diário de Pernambuco*, 14 de outubro de 1888, n. 235.

<sup>80</sup> *Lanterna Mágica*, 10 de setembro de 1887, n. 200, pp. 1-3.

<sup>81</sup> *Revista Ilustrada*, 2 de fevereiro de 1889, n. 534, p. 3.

<sup>82</sup> FUNDAJ, *Correspondências de Joaquim Nabuco*, Doc. 6813, *Carta de José Correia do Amaral a Joaquim Nabuco*, Ceará, 20 de setembro de 1887.

<sup>83</sup> *Revista Ilustrada*, 30 de setembro de 1887, n. 466, p. 4.

A chegada de Nabuco no Rio de Janeiro, no dia 29 de setembro de 1887, transformou-se em mais um grande evento abolicionista. Apesar das reuniões de rua estarem proibidas pelo Governo, entre às 09:00 e às 11:00 horas da manhã, pelo menos cinco meetings abolicionistas reuniram algo em torno de 5.000 mil pessoas, que foram ouvir o eleito falar das janelas d'O Paiz, da Cidade do Rio, da Revista Illustrada e da Escola Polytechnica. O "sr. Marcial", redator da Revista Illustrada, afirmou que a vitória de Nabuco, humilhante para Cotegipe e Portella, estava transformando os últimos emancipadores em abolicionistas.<sup>84</sup>

Os republicanos, que escreviam na Revista Illustrada, analisaram que tanto João Alfredo quanto Antônio Prado, assim como outras lideranças - Saraiva, Taunay e Dantas - estavam dispostos a aprovar uma lei abolicionista que pudesse solucionar o problema da agitação social, todavia, argumentavam que Cotegipe protelava a situação e que, sem se preocupar com o cenário de desorganização da mão de obra, deixava a questão intocada, pelo menos por sete meses, já que o Parlamento entraria em recesso em outubro e só voltaria em abril de 1888.<sup>85</sup> Os republicanos faziam referência aos projetos que foram apresentados, por deputados conservadores e liberais, que reconheciam no estado atual das coisas o clima de desorganização e desordem, afirmando que diversos parlamentares queriam resolver o problema. A abolição estava próxima de acontecer, a elite política brasileira somente reconhecia um fato que já estava sendo consumado nas urnas e nas ruas.

Ao analisarmos o processo micropolítico em torno das campanhas eleitorais de 1887, percebemos que, apesar da historiografia ter destacado demais as pessoas e a participação de José Mariano e Joaquim Nabuco,<sup>86</sup> nos bastidores da política, o Clube do Cupim e a população negra das mais diversas categorias sociais: professores, artífices, livres pobres, libertos, escravizados, serviram como uma válvula propulsora, um trampolim para que esses tribunos pudessem assumir os seus mandatos abolicionistas, que, de fato, foram conquistados através da luta dessas categorias que podemos aglomerar grosso modo na palavra "povo": pessoas livres, libertas e escravizadas. Os cupins ajudaram Nabuco e Mariano a conquistarem votos, a serem eleitos e, simultaneamente, continuaram com suas ações ousadas promovendo fugas e movimentando as ruas e as senzalas até maio de 1888.<sup>87</sup>

O grau de politização dos escravizados naquele momento da luta e suas estratégias foram apontados pelos abolicionistas, que indicaram a ciência dos

---

<sup>84</sup> Revista Illustrada, 30 de setembro de 1887, n. 466, p. 4.

<sup>85</sup> Revista Illustrada, 30 de setembro de 1887, n. 466, pp. 2 e 4.

<sup>86</sup> Ver Robert Conrad, *Os últimos anos da escravidão no Brasil (1850-1888)*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 256; Gouvêa, *Abolição*, p. 133; Alonso, *Flores, votos e balas*.

<sup>87</sup> Souza, "Corroendo a árvore da escravidão".

primeiros sobre as condições do país. Os cativos sabiam o que estava acontecendo a partir das conversas entre eles, da leitura coletiva das folhas, dos discursos abolicionistas, mas, principalmente através das ações dos seus pares nas ruas e nas fazendas. Acreditamos que o convencimento, para prosseguirem com as fugas coletivas, partia muitas vezes deles mesmos. Essas pessoas tomaram para si, de uma vez por todas, as rédeas do processo, pressionando as autoridades e a opinião públicas por uma “solução” que não poderia mais esperar.<sup>88</sup>

Naquele momento crítico de aumento das fugas coletivas de pessoas escravizadas, a Polícia e o Exército comprovaram a incapacidade de conter a crescente onda abolicionista. Dando-nos provas também de que a indisposição dos oficiais brasileiros em mobilizar as forças de coerção do Estado foi imposta de baixo para cima, pelos escravizados e pelo movimento. As pessoas escravizadas, ajudadas ou não por abolicionistas, viram na deserção em massa das fazendas a maneira mais eficaz de acabar com a escravatura. Abolicionistas como João Ramos, Antônio Bento, Eduardo Carigé, João Clapp, Carlos de Lacerda, seus amigos e seguidores, certamente tiveram muita influência no processo, mas, como afirmou Robert Conrad, foi a decisão pessoal do escravo individual, multiplicada muitas vezes, que trouxe o rápido fim do cativo brasileiro.<sup>89</sup>

\*\*\*

---

<sup>88</sup> *Revista Illustrada*, 15 de outubro de 1887, n. 467, p. 4 e 22 de outubro de 1887, n. 468, p. 4.

<sup>89</sup> Conrad, *Os últimos anos*, p. 301.

## Referências bibliográficas

Angela Alonso, *Joaquim Nabuco: Os salões e as ruas*, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Angela Alonso, *Flores, votos e balas. O movimento abolicionista brasileiro*, São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Arthur Danillo Castelo Branco de Souza, “Corroendo a árvore da escravidão: o Clube do Cupim e o movimento abolicionista em Pernambuco 1880-1900”, Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023, <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/52373>.

Celso Castilho, *Slave Emancipation and Transformations in Brazilian Political Citizenship*, Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2016.

Celso Castilho, “O ‘25 de março’ e a radicalização dos embates abolicionistas no Recife”, *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, São Paulo: ANPUH, 2011, pp. 1-22.

Celso Castilho e Maria Helena P. T. Machado (orgs.), *Tornando-se livre. Agentes históricos e lutas sociais no processo de abolição*, São Paulo: Edusp, 2015, pp. 335-368.

Felipe Azevedo e Souza, “A participação política das classes populares em três movimentos, Recife (c. 1880 – c. 1900)”, Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018, <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1634771>.

Felipe de Azevedo e Souza, *Nas ruas: abolicionismo, republicanismo e movimento operário no Recife*, Salvador: EDUFBA, 2021.

Felipe Azevedo Souza, “De repente ‘povo’: maneiras de pensar a participação política a partir da campanha abolicionista de 1884”, *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, v. 34, n. 1 (2016), <https://doi.org/10.22264/cli.issn2525-5649.2016.34.1.do.26-51>.

Felipe Azevedo Souza, “A blusa e a urna: metamorfoses do associativismo de trabalhadores em Pernambuco entre o Império e a República”, *Revista Mundos do Trabalho*, v. 12 (2020), pp. 1-18 (p. 10), <https://doi.org/10.5007/1984-9222.2020.e71472>.

Fernando da Cruz Gouvêa, *Abolição: a liberdade veio do Norte*, Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1988.

Flávia Bruna Ribeiro da Silva Braga. “‘Ditadura’, Abolição e República: A propaganda da geração positivista em Pernambuco (1875-1889)”. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017, <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25306>.

Izabel Andrade Marson, *Política, História e Método em Joaquim Nabuco: tessituras da revolução e da escravidão*, Uberlândia: EDUFU, 2008.

José Bento Rosa da Silva e Arthur Danilo Castelo Branco Souza. "Doutor Feliciano André Gomes (1859-1927): Notas preliminares sobre um tribuno negro em Pernambuco", *Sæculum - Revista de História*, v. 26, n. 44 (2021), pp. 190-207, <https://doi.org/10.22478/ufpb.2317-6725.2021v26n44.55527>.

Leslie Bethell e José Murilo de Carvalho, "Joaquim Nabuco e os abolicionistas britânicos: correspondência, 1880-1905", *Estudos Avançados*, v. 23, n. 65 (2009), pp. 207-229, <https://doi.org/10.1590/S0103-40142009000100015>.

Lucillene Reginaldo, *Os rosários dos angolas: irmandades de africanos e crioulos na Bahia setecentista*, São Paulo: Alameda, 2011.

Luiz do Nascimento, *História da imprensa de Pernambuco*, Recife: Imprensa Universitária, 1966.

Marc Jay Hoffnagel, "O Partido Liberal de Pernambuco e a questão abolicionista, 1880-1888", *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, n. 23 (2005), pp. 7-24.

Marcelo Marc Cord, *O rosário de D. Antônio: irmandades negras, alianças e conflitos na história social do Recife (1848-1872)*, Recife: Editora da UFPE, 2005.

Marcelo Mac Cord. "Andaimos, casacas, tijolos e livros: uma associação de artífices no Recife", 1836-1880, Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009, <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280996>.

Marcelo Mac Cord, "A "união artística": construção e legitimidade de uma entidade de classe, Recife, década de 1870", *Revista Perseu*, n. 4 (2009), pp. 48-52, <https://revistaperseu.fpabramo.org.br/index.php/revista-perseu/article/view/179>.

Maria Emília Vasconcelos dos Santos, "Antes do 13 de maio: o 25 de março no Ceará e o Movimento Abolicionista em Pernambuco", *Afro-Ásia*, n. 53 (2016), pp. 149-183, <https://doi.org/10.9771/aa.v0i53.22475>.

Maria Helena Machado, *O plano e o pânico. Os movimentos sociais na década da abolição*, São Paulo: Rio de Janeiro: Edusp/Editora da UFRJ, 1994.

Petrônio Domingues, "Vai ficar tudo preto: Monteiro Lopes e a cor na política", *Novos estudos CEBRAP*, n. 95 (2013), São Paulo, pp. 59-81, <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000100004>.

Petrônio Domingues, "Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930)", *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 34, n. 67 (2014), pp. 251-282, <https://doi.org/10.1590/S0102-01882014000100012>.

Robert Conrad, *Os últimos anos da escravatura no Brasil (1850-1888)*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Walter Fraga, *Encruzilhadas da liberdade*, Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

---

Artigo recebido em 02-10-2024. Aceito para publicação em 27-10-2024.

---

*Citação:* Arthur Danillo Castelo Branco de Souza, "O Clube do Cupim e a participação da população negra nas eleições de 1887", *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, v. 42, (2024), pp. 1-26.

---

*Contato do autor:* Arthur Danillo Castelo Branco de Souza: danshowsouza77@gmail.com.